

Dispositivos escópicos para a mediação do olhar

- Aldo Luis Pedrosa da Silva
Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) / Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil
aldoluispedrosa@hotmail.com

Abstract

This work will discuss how the contemporary technological devices, that act like mediators of the gaze, can leverage a global voyeurism in an already established scopophilic and surveillance-panopticism culture. This analysis will be done from a perspective within the art and technology, where productions in contemporary visual arts resort to this state of affairs to propose their poetics and to present a critical and reflective reading about a society, facing a reality where privacy and individual freedom are at stake. Work pertaining to research in conducting the PhD in Visual Arts (UNICAMP/Brazil).

Keywords: Devices; voyeurism, scopophilia; panopticism; art.

Introdução

Dispositivos tecnológicos que atuam como mediadores dos sentidos humanos tornaram-se onipresentes na paisagem urbana das últimas décadas. É certo que a tecnologia sempre se fez presente na história da civilização, pois desde os primórdios o homem lançou mão de ferramentas para auxiliá-lo em suas atividades diárias. No entanto, na contemporaneidade as tecnologias tornam-se indispensáveis em vários setores da vida e, conseqüentemente, instauram um contexto psico-social que tende a se perpetuar.

McLuhan (1974) considera os dispositivos técnicos como extensões dos sentidos humanos. O autor aborda que “os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios” (p. 34). Os dispositivos se apresentam como extensões técnicas úteis ao homem e são, ao mesmo tempo, tomados como itens de ostentação e de valor afetivo. McLuhan chama este estado de “efeito narcótico e de entorpecimento das novas tecnologias” (idem, p. 47).

Durante as idades mecânicas nossos corpos eram projetados no espaço. Porém, após o advento da eletricidade é o próprio sistema nervoso central que é projetado globalmente, abolindo tempo e espaço. Desta maneira, qualquer extensão tecnológica do corpo humano afeta todo o contexto psicossocial (idem, p. 47).

Em uma sociedade globalizada, informatizada e dominada por uma cultura extremamente visual, é certo que os dispositivos técnicos que atuam como mediadores da visão humana são aqueles que ocupam o patamar dentre as novas tecnologias. A partir desta premissa, o presente artigo se objetiva a abordar em que medida

os dispositivos que atuam na mediação do olhar (olho) humano instauram um estado de coisas onde o voyeurismo e a vigilância se tornam presentes a nível global.

Escopofilia global

A palavra voyeur¹ é de origem francesa e significa *aquele que vê*. No senso comum ela se refere a uma pessoa que obtém prazer ao observar os atos sexuais ou a intimidade de outra(s) pessoa(s). Este indivíduo tende apenas a observar o ato alheio, sem participar ativamente. Na maioria das vezes ele registra o que vê através de fotografias ou vídeo. Em âmbito clínico, o voyeurismo é considerado como uma psicopatologia que consiste no desvio da conduta sexual tida como *normal*, sendo também conhecido como mixoscopia. Nos países de língua espanhola e portuguesa a palavra voyeur já foi apropriada e consta na maioria de seus dicionários. Em espanhol a palavra *mirón* também é usada como correspondente direto à voyeur, enquanto em inglês o termo correspondente é *peeping tom*.

Em substituição à palavra voyeurismo, Freud (1996) dá preferência ao termo escopofilia para tratar de questões relativas a *ver* e ao *ser visto* sob a ótica da psicanálise. O autor chama de escopofilia a pulsão de tomar o outro como objeto, submetendo-o a um olhar fixo e curioso. A partir do momento que o olho se dirige para determinada cena, objeto ou sujeito por instinto (ou pulsão, na definição de Freud), munido de forte *necessidade de olhar*, ele

1 A palavra voyeur não será apresentada em itálico devido à sua incorporação por outras línguas, incluindo à língua utilizada neste texto (portuguesa).

pode transcender a situação de ver para se guiar pelo mundo e, então, se entregar à escopofilia. Aumont (1993) aborda que esta pulsão não é uma das grandes pulsões fundamentais ou primárias, que são acompanhadas de uma pulsão oral (da necessidade animal de nutrição). “A pulsão escópica compõe-se de um objetivo (ver), uma fonte (o sistema visual), enfim, um objeto” (idem, p. 125). Para este autor, é bastante compreensível que este conceito tenha encontrado aplicação no domínio das imagens.

Em um mundo dominado por dispositivos visuais que mediam o olhar humano, a escopofilia freudiana encontra terreno fértil para atuação. Por este motivo, o presente artigo toma a liberdade de nomear tais dispositivos como *dispositivos escópicos*. Foucault (2010) já afirmava que a sociedade contemporânea é menos a dos espetáculos do que a da vigilância; mas, segundo o autor, sua sabedoria estaria em transformar o próprio espetáculo em observatório da vigilância.

Ao apresentar a sociedade disciplinar da primeira metade do século XX, Foucault observava como o modelo do panóptico de Bentham era transposto para os tempos modernos. O panóptico é um sistema arquitetônico criado por Jeremy Bentham, um jurista britânico do século XVIII, como um modelo de arquitetura para permitir a constante vigilância, por meio da distribuição de celas que cercam uma torre central em um edifício circular. Cada uma destas celas possuía duas janelas, uma para o interior, avistada pela torre central, e outra para o exterior, a qual permitia que a luz atravessasse a cela de lado a lado. “Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (idem, p. 190), pois à contraluz todos que estivessem nestas celas resultariam perfeitamente visíveis aos olhos do sentinela oculto, situado na torre central. Reciprocamente o mesmo efeito não seria possível, pois o vigia permanecia invisível devido a um sistema de cortinas e biombo disposto no interior da torre. “Dessa forma, os detentos poderiam ser vistos pelo vigia, mas não poderiam vê-lo em contrapartida, de modo que sua presença ou ausência seria inverificável” (Machado, 1996, p. 221). Com isso, o efeito mais importante do panóptico seria fazer com que os detentos se sentissem vigiados apenas pelas características arquitetônicas, mesmo quando não houvesse vigia algum na torre central e mesmo quando eles não estivessem sendo diretamente observados (Bentham, 2008). Pode-se associar este efeito às atuais câmeras de vigilância: as mesmas já estão tão arraigadas à paisagem urbana que sua presença poucas vezes é notada. Algumas, inclusive, encontram-se desligadas, constituindo-se apenas como um item de ameaça.

Portanto, ao dispositivo panóptico também pode-se associar a ideia de escopofilia. A escopofilia somada à sociedade panóptica mantém relação recíproca, pois “não estamos nem nas arquibancadas nem nos palcos, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens” (Foucault, 2010, p. 190). Hoje, a ideia de voyeurismo/vigilância é inerente ao consumismo capitalista e se apresenta transvestida como produtos amigáveis e de entretenimento: *Realities Shows*, redes sociais, aplicativos de localização e compartilhamento de informações pessoais, entre outros. Os diversos vídeos e fotos amadores que circulam na internet, assim como a proliferação dos *Realities Shows* nas últimas décadas, evidenciam como o olhar

vigilante se banaliza e se naturaliza na cultura contemporânea (Bruno, 2009).

Entendendo a sociedade contemporânea como escópica e panoptista, não há a preocupação, neste trabalho, de contrapor ou diferenciar os conceitos de voyeurismo, vigilância, escopofilia e panoptismo a todo o momento, posto que todos pertencem a uma mesma realidade.

Dispositivos mediadores do olhar

Dentre os diversos dispositivos que atuam como extensões dos sentidos/órgãos humanos, aqueles que mais se destacam na cultura contemporânea são, como já dito, os que se apresentam como mediadores do olho humano. Mesmo aqueles dispositivos que não se valem de imagens também podem ser considerados como extensões do olho, pois, de certa maneira, incorporam um *olho que tudo vê* - por conta de suas funções de rastreamento e vigilância. A maioria destes dispositivos são exemplares no âmbito da instauração de uma *sociedade e cultura escópica*.

A contemporaneidade é extremamente múltipla e complexa com relação à diversidade de dispositivos que se perpetuam na paisagem urbana: câmeras de vigilância, *webcams*, sistemas de controle de trânsito (câmeras, pardais, radares), sistemas de geo-localização (GPS4, GIS5, RFID6), fronteiras e portões eletrônicos (senhas e cartões de acesso, scanners para pessoas e bens/produtos), mecanismos de autenticação e controle de identidade (cartões de identidade e dispositivos de identificação biométrica), tecnologias de informação e comunicação (computadores, telefones celulares), redes de monitoramento e cruzamento de dados informacionais, sistemas informacionais de coleta, arquivo, análise e mineração de dados (bancos de dados, perfis computacionais), entre outros (Bruno, 2009).

O panóptico físico e arquitetônico dos séculos XVIII e XIX, descrito por Foucault, representa a sociedade de vigilância dada por meio da clausura. Já o panóptico imaterial e global, dos tempos atuais, revela-se por meio da globalização e do capitalismo, tendo como principais ferramentas os meios tecnológicos, e instaura, de acordo com Deleuze (1992), a sociedade de controle.

Bruno (2009) relata que da mesma forma que as câmeras de vigilância atuam, as câmeras de telefones celulares, fotográficas e de vídeo, mesmo quando não possuem a finalidade da vigília, “participam ativamente da construção de um regime escópico sobre a cidade que se passa não tanto nos circuitos de controle, mas sim nos circuitos de prazer” (p. 48). Neste âmbito, Lemos (2007) destaca as mídias locativas (*locative media*) como aquelas dentre as tecnologias atuais que mais vêm se perpetuando nos últimos tempos. Elas compõem-se de um “conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais cujo conteúdo informacional vincula-se a um lugar específico (idem, p. 1). As informações são processadas em dispositivos sem fio: GPS, celulares, *palms*, *notebooks*, entre outros, e através de redes *wireless*, *Bluetooth* ou etiquetas de identificação por rádio frequência (RFID). O autor aborda que neste âmbito não surgem apenas discussões no campo comunicacional ou urbano, mas também emergem discussões políticas - em face das novas formas de monitoramento, vigilância e controle do espaço urbano e da mobilidade social, “já que tudo/todos terá(ão) uma *tag*, um

indexador eletrônico, transformando os espaços das cidades em nuvens de dados” (ibidem, p. 10). Tratam-se de novos meios (*medias*) que se incorporaram à paisagem urbana nos últimos anos e hoje encontram-se arraigadas à diversas atividades do dia-a-dia: trabalho, estudos, diversão, localização, comunicação, e, conseqüentemente, servem como eficazes ferramentas de vigilância, rastreamento e controle por parte de empresas e governos.

Como a história contemporânea ainda se escreve, surgem várias indagações a respeito dos efeitos deste estado de coisas na sociedade. Recentemente, o mundo vem acompanhando notícias polêmicas sobre a desrespeitosa vigilância global realizada por governos e empresas das grandes potências econômicas. O ativista e criador do *WikiLeaks*, Julian Assange (2013), ressalta que o mundo deve se conscientizar da ameaça da vigilância para a América Latina e para o antigo terceiro mundo. A vigilância de uma população inteira, realizada através do rastreamento de informações de todo o tráfego na internet (*e-mails*, buscas no *Google*, perfis e atividades no *Facebook*, entre outros) é, segundo este autor, uma ameaça à soberania das nações vigiadas.

Somado a isto, há também uma crescente preocupação com o exacerbado exibicionismo nas redes sociais, principalmente por parte dos adolescentes que, entre outras questões sociais, são oriundas do uso desmedido dos *dispositivos e serviços escópico-informáticos*.

Poéticas escópico-panoptistas

A partir do preâmbulo apresentado serão relacionadas e analisadas produções poéticas em arte e tecnologia que levam à reflexão sobre todo este estado de coisas. As obras relacionadas foram selecionadas dentro de um escopo muito maior e, por este motivo, elas se apresentam apenas como alguns exemplos significativos dentro de uma grande quantidade de produções artísticas visuais contemporâneas que tratam destas questões.

É certo que o crescimento da quantidade de produções que remetem ao voyeurismo e à vigilância é diretamente proporcional ao avanço das tecnologias de captação e exibição de imagens. Machado (2007, p. 14) infere que “talvez até se possa dizer que um dos papéis mais importantes da arte numa sociedade tecnocrática seja justamente a recusa sistemática de submeter-se à lógica dos instrumentos de trabalho”. Com isso, os artistas apropriam-se não apenas de imagens voyeuristas mas também das próprias *tecnologias escópicas* para propor suas poéticas e tecer suas reflexões.

Bruce Nauman, em 1968, realizou a instalação *Video Corridor*, criando um recinto claustrofóbico consistindo em duas paredes que formavam um túnel, com monitores nas extremidades que transmitiam imagens feitas ao vivo e em circuito fechado do deslocamento do observador neste local. Neste trabalho, quanto mais próximo o observador chega ao monitor mais distante está da câmera que capta sua imagem. O resultado coloca a questão da impossibilidade da visão nítida ou clara de si.

A artista francesa Sophie Calle em pelo menos duas de suas produções trabalha com a ideia de voyeurismo e vigilância. Em sua obra *Vénitienne Suite*, de 1980, apresentou uma série de fotografias e textos com imagens e informações sobre pessoas que foram seguidas pela artista ao longo de vários meses. Em outro trabalho,

La Filature, de 1981, Calle pede que sua mãe contrate um detetive particular para segui-la por 24 horas por dia durante um mês, sem que ela soubesse quando a perseguição estaria de fato acontecendo. A partir do pedido, a artista toma posse do material produzido pelo detetive, sendo composto por uma série de documentos, fotografias e anotações de todos os seus passos, e os expõe ao público.

Em 1982, o artista tcheco radicado em Berlim Michael Klier já tratava de questões referentes à onipresença das câmeras vigilantes com sua obra videográfica *Der Riese*. Ele conseguiu acesso às salas de controle de sistemas de vigilância espalhados pela Alemanha e editou uma colagem de cenas aleatórias obtidas pelos *olhos mecânicos espíões*.

O uruguaio Martin Sastre utiliza em seus vídeos elementos que remetem a registros amadores, falsos trailers de cinema, falsos documentários, reportagens e programas de *Reality Show*, para criticar a indústria cultural e a globalização. Na *Trilogia Ibero-Americana*, conjunto de três vídeos em formato de curtas-metragens, produzidos entre 2001 e 2005, o artista mostra o que aconteceria se a América Latina se unisse e, convertida em potência planetária, impusesse sua cultura e sua perspectiva ao resto do mundo. Em outra obra *The E! True Hollywood Story*, Sastre se auto-intitula artista-celebridade e realiza um falso documentário dedicado a ele mesmo nos moldes de um famoso programa de TV americano.

Na Bienal de Veneza ocorrida em setembro de 2006, o projeto *Realtime Roma* realizado pelo MIT e pela TIM Itália criou um sistema que monitorou pessoas na cidade de Roma/Itália e exibiu percursos e densidades info-comunicacionais a partir dos dados coletados. Em uma tela era mostrado o mapa de Roma, onde linhas coloridas representavam o fluxo dos ônibus e a densidade de pessoas com celulares, em tempo real (Lemos, 2007).

Na série *Mise-en-scène*, produzida em 2009 pela artista brasileira Regina Parra, há pinturas que mostram fiéis reproduções de fotografias realizadas a partir de monitores ligados à câmeras de vigilância, que flagraram a própria artista em situações cotidianas: sacando dinheiro no caixa eletrônico, saindo do carro no estacionamento ou esperando para atravessar a rua.

Em *Stranger Visions*, obra de 2012, a artista americana Heather Dewey-Hagborg faz esculturas a partir de perfis genéticos rastreados em materiais coletados nas ruas, como em bitucas de cigarro, guardanapos, entre outros. Ela chama a atenção para questões envolvendo vigilância bio-tecnológica.

Em 2013, o artista inglês James Bridle em *Shadow of the Drone*, utilizou imagens de *drones* (veículos aéreos não tripulados) para remeter à questões referentes a estes dispositivos que são utilizados a cada vez mais em conflitos bélicos pelo mundo.

Apenas para finalizar, é interessante informar que o autor deste artigo, como artista-pesquisador no âmbito do mestrado em Artes realizado na Universidade Federal de Uberlândia/Minas Gerais/Brasil (UFU) e recentemente no doutorado em Artes Visuais em realização na Universidade Estadual de Campinas/São Paulo/Brasil (UNICAMP), também realizou algumas propostas videográficas e em arte e tecnologia para tratar das questões abordadas².

2 Produções poéticas do artista-pesquisador autor deste artigo podem ser visualizadas no seguinte link: <http://www.aldopedrosa.com>

Conclusão

Conclui-se que voyeurismo e vigilância estão de fato arraigados à sociedade contemporânea. A partir do trabalho apresentado também se torna claro que as tecnologias de visão contribuíram para a instauração desta condição psicossocial nos dias atuais. Tecer considerações críticas a respeito da maneira como os cidadãos se relacionam com a tecnologia torna-se de extrema importância numa sociedade saturada pelos dispositivos tecnológicos. Neste âmbito, pensar sobre a escopofilia e o panoptismo torna-se uma forma de refletir sobre uma constante contemporânea decorrente desta sociedade tecnocrática, midiática e globalizada.

É fato que a arte é fundamental na prospecção sobre o futuro, à medida que propõe mecanismos para o enfrentamento das questões vindouras e das que já se fazem presentes. Neste sentido, espera-se que as obras visuais aqui relacionadas, assim como as proposições conceituais tecidas, possam servir para o entendimento e para a reflexão crítica acerca da realidade que instaurada e sobre o que está por vir, onde estão em jogo questões de suma importância como o direito à privacidade e a liberdade individual.

Referências

- Assange, J. (2013). *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo.
- Bentham, J. (2008). *O Panóptico*. Org. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Bruno, F. (2009) Controle, Flagrante e Prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, v. 1, n. 37. RS: Editora PUCRS.
- Deleuze, G. (1992). Post scriptum sobre as sociedades de controle. In: Deleuze, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34 Letras.
- Foucault, M. (2010). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras psicológicas completas de Freud: edição standard brasileira - Vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lemos, A. (2007). *Mídia Locativa e Territórios Informacionais*. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf
- Machado, A. (1996). *Máquina e Imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Machado, A. (2007). *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- McLuhan, M. (1974). *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix.